

“Árcade, por que? ”: um estudo sobre os intelectuais da Arcádia Iguaçua de Letras – AIL (Nova Iguaçu, 1955)

“Arcade, why? “: a study on the intellectuals of the Arcádia Iguaçua de Letras - AIL (Nova Iguaçu, 1955)

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre

Como citar esse artigo. Alexandre, MLB. “Árcade, por que? ”: um estudo sobre os intelectuais da Arcádia Iguaçua de Letras – AIL (Nova Iguaçu, 1955). 2018 Jul./Dez.; 09 (2): SUPLEMENTOS 26-31.

Resumo

O número de estudos que versam sobre a Baixada Fluminense ainda é incipiente, sobretudo, os que abordam a cultura e intelectuais na primeira década do século XX. Para estreitar esta lacuna, o artigo propõe a construção de um conciso perfil dos membros da Arcádia Iguaçua de Letras (AIL), instituição literária fundada em 11 de agosto de 1955, em Nova Iguaçu, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Tendo como ponto de partida este cenáculo, se estabelecerá a relação entre a trajetória destes letrados e a produção de conhecimento memorialístico sobre a cidade e o ser iguaçuano. Fontes de caráter institucional como estatutos e discursos de posse serão utilizadas para que, primeiramente, se entenda os principais objetivos do projeto AIL. Na sequência, serão investigados dados sobre a origem familiar e profissional dos árcades para que se apreenda as motivações pelas quais, estes personagens defenderam um determinado posicionamento, enquanto transformações sociais, econômicas e políticas ocorriam nos anos 1950. Para isto, um conjunto de matérias e notas publicadas no semanário *Correio da Lavoura*, jornal mais antigo ainda em circulação, foram analisadas com o objetivo de acompanhar a atuação destes agentes na organização da classe dominante na qual pertenciam. Estes dados permitirão esclarecer como uma determinada intelectualidade se configurou enquanto porta voz do saber iguaçuano e de como isto pode ser auferido junto a imprensa local.

Palavras-Chave: Baixada Fluminense; Nova Iguaçu, Arcádia, Intelectuais, Imprensa; Literatura.

Abstract

The number of studies related to the Baixada Fluminense is still incipient, especially those that approach the culture and intellectuals in the first decade of the twentieth century. To narrow this gap, the article proposes the construction of a concise profile of the members of Arcádia Iguaçua de Letras (AIL), a literary institution founded on August 11th, 1955, in Nova Iguaçu, municipality of the metropolitan region of Rio de Janeiro. Starting from this cenacle, the relation between the trajectory of these literates and the production of memorialistic knowledge about the city and the iguaçuano will be established. Institutional sources such as statutes and inaugural speeches will be used to first understand the main objectives of the AIL project. In the sequence, data on the family and professional origins of the arches will be investigated in order to understand the motivations for which these characters defended a certain position, while social, economic and political transformations occurred in the 1950s. Notes published in the weekly *Correio da Lavoura*, the oldest newspaper still in circulation, were analyzed with the aim of monitoring the performance of these agents in the organization of the ruling class in which they belonged. These data will allow us to clarify how a certain intelligentsia has been configured as a spokesperson for the knowledge of iguaçuano and how this can be obtained from the local press.

Keywords: Baixada Fluminense; Nova Iguaçu; Arcádia; Intellectuals, Press; Literature.

Introdução

Este trabalho faz uma análise dos membros da Arcádia Iguaçua de Letras (AIL), instituição literária fundada nos anos 1950, em Nova Iguaçu, e a relação de seus componentes com a produção memorialística acerca deste município, na primeira metade do século XX. Metodologicamente o estudo traçou um breve histórico do grupo e aponta, os motivos para sua criação, o perfil de seus membros e o discurso desenvolvido pelos árcades.

Para isto, matérias produzidas pela imprensa local, leia-se *Correio da Lavoura*, foram consultadas, assim como, regimentos e documentos de posse dos integrantes da AIL. Dentre as publicações veiculadas pelo semanário iguaçuano foram selecionadas aquelas que contemplassem a opção pela nomenclatura Arcádia, os fins do cenáculo e os personagens escolhidos para compô-lo. Com base nestes e outras informações dispostas na documentação institucional, o retrato destes letrados foi reconstituído para que as influências desta rede pudessem ser compreendidas sob o ponto de vista de alguns de seus escritos.

Afiliação dos autores: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil.

Email para correspondência: marialuciabsa@gmail.com

Recebido em: 01/08/18 Aceito em: 21/12/18

Assim sendo, o artigo encontra-se dividido em três partes, sendo a primeira composta pelas motivações que originaram o grupo e sua relação com o quadro político e socioeconômico iguaçuano, nos anos 1950 e 1960. No segundo momento, as características dos arcadianos são elencadas, como por exemplo, classe social, profissão e atividades intelectuais exercidas são apresentadas. Por fim, discute-se sobre a relação destes intelectuais e a produção de uma determinada memória a partir da imprensa, ou seja, como o papel desempenhado pelo jornalismo se mostrou de fundamental importância para reafirmação da narrativa elaborada por este grupo, diante das transformações em curso na região.

O Que é a Arcádia?

Urge um movimento cultural, uma cruzada cívica, de alevantamento das tradições iguassuanas, [Grifo meu] a serem inventariadas e reverenciadas, por exemplo, em um centro, que agremie os valores intelectuais de Nova Iguassú, que os há abundantes, embora dispersos. Um cenáculo literário, moldado pela Academia Valenciana de Letras (desprezado apenas pelo título enfático), poderia e deveria realizar esta obra meritória, de congregar os iguassuanos de nascimento e de adaptação [Grifo meu] para entreter o salutar bairrismo, o patriótico regionalismo, em prol de Nova Iguassú, portanto da Velha Província, do Brasil enfim. (CORREIO DA LAVOURA, 1955, ed. 1991, p.1)

No capítulo I, “Organizações e Fins”, o estatuto da Arcádia Iguaçua de Letras (AIL) se definiu enquanto sociedade civil, de duração não determinada, com sede em Nova Iguaçu e fins de:

congregar os amigos das letras e filosofia, artes e ciências, para na constante exaltação dos grandes vultos do passado, aprimorar os valores das novas gerações e, por desta forma, assegurar a continuidade histórica de Nova Iguaçu, como célula atuante na civilização da Velha Província Fluminense.

(Estatutos da Arcádia Iguaçua de Letras, 1955, p.1.)

Seus objetivos, no entanto, são ambíguos quando analisamos as condições em que a instituição se estabeleceu, uma vez que ao compararmos a AIL a outras instituições do mesmo período, constatou-se que o grupo reuniu características peculiares que inviabilizam a justificativa definida pelos membros em seu estatuto.

Nesse sentido, a opção pelo termo Arcádia e não academia suscita um primeiro questionamento sobre o grupo. No ano de sua fundação, 1955, os “imortais” publicaram diversas matérias no jornal *Correio da Lavoura*¹, justificando a opção pela terminologia, o arcade Raul de Figueiredo Meireles² afirmou em publicação de 29 de maio de 1955 que:

Falece-lhe, porém, em absoluto, fundamento, quando, com a mesma generosidade, me inculca a paternidade da ideia, porque esta não é propriedade minha, nem sua, mas patrimônio pessoal da cultura iguassuana. Arcádia, registra o prestimoso, Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, significando a antiga academia literária romana, de que houve uma imitação em Lisboa, ao tempo de el-Rei D. José I. Evita, ademais, Arcádia, os motejos ou remoques da irreverência popular, tão difundida no Rio de Janeiro, pela imprensa, rádio e teatro, com respeito à nossa terra e a nossa gente (CORREIO DA LAVOURA, 1955, ed. 1991, p.1).

A defesa pela nomenclatura Arcádia permaneceu nas edições seguintes. O arcade Deoclécio Dias Machado Filho³ publicou a justificativa de seu colega, Getúlio Barbosa de Moura⁴, sobre o termo:

Concordo com o seu ponto de vista. <<Arcádia>> é a designação mais adequada ao movimento de estímulo às belas letras iguassuanas, que ora empolga seu espírito de moço culto. Como você sabe, em Roma no ano de 1690, houve uma célebre Academia com êsse nome, cuja finalidade era a conservação das belas letras e aperfeiçoar a poesia italiana. [Grifo meu] Em Portugal, no reinado del-rei D. José, floresceu outra instituição com igual nome, que contribuiu muito para introduzir o bom gosto na literatura portuguesa. <<Cenáculo>>, na sua origem histórica, é a sala de jantar dos romanos. Chama-se xCenáculo a <<Ceia do Senhor>>, consagrada na tela do Leonardo da Vinci. Em sentido figurado, significa ajuntamento de homens que professam as mesmas idéias ou seita, e também reunião de homens de letras, de artistas, etc. Pode servir de legenda ao movimento literário em perspectiva. <<Arcádia>>, entretanto, tem em seu favor a tradição. [Grifo meu] Em nome mais apropriado à organização que visa despertar o interesse dos iguassuanos pela literatura, pela história e pelas belas artes pátrias. (CORREIO DA LAVOURA, 1955, ed.1994, p.3)

As obras publicadas pelos membros da AIL também destacaram as motivações para escolha do nome. Em *Iguaçu, terra de gente ilustre*, Deoclécio Machado afirmou que:

Se, por acaso, julgassem o título Academia Iguaçua de Letras um pouco pedante ou pretencioso, haveria um recurso: Denominá-lá-imos Arcádia Iguaçua de Letras. A palavra Academia origina-se de Academus, herói mítico da Ática, sobre cujos domínios se estendiam os jardins frequentados pelos filósofos, origem da célebre Academia em que lecionava Platão e que ficava a seis estádios (antiga medida itinerária) da grande Atenas. Arcádia era o nome que se dava a uma região montanhosa do centro de Peloponeso, na antiga Hélade, habitada pelos Arcades, povo de pastores, talvez descendentes dos Pélagos, a qual na ficção dos poetas, era o país da inocência e da felicidade bucólica, residência imaginária dos pastores fiéis no amor e de uma grande pureza de costumes. [Grifo meu] E que há melhor do que isso? (MACHADO, 1957, p. 95)

Mais do que uma inspiração mitológica, o termo reiterou a função da classe dominante a que estes intelectuais pertenciam, desta forma o papel de figuras vinculadas a citricultura, principal atividade econômica dos anos 1920, foram exaltados frente a conjuntura de transformações socioeconômicas e políticas em curso ao final da década de 1930.

Diante da “crise” instaurada pela desestruturação do *ruralismo* (MENDONÇA, 1997) implementado no final do século XIX, a hegemonia consolidada a partir do projeto de um campo moderno estava ameaçada, por assim dizer, a pujança política adquirida por proprietários de terras e lideranças municipais, sobretudo, a comercialização da laranja no distrito sede⁵ iguaçuano.

Ao final dos anos 1930, as chácaras usadas para o cultivo da laranja foram retalhadas em loteamentos, ou seja, “articulados às necessidades de habitação popular, eles representaram a invenção de um mercado específico, assim como desencadearam um processo de especulação com lotes (SOUZA, 1992, p.93). Atraída pela proximidade com a capital federal, uma população formada por migrantes, dentre muitos nordestinos, ocupou os lotes oriundos destes retalhamentos. A partir do novo uso dado a terra, estava dado início a criação de bairros de perfil majoritariamente proletários, mas ausentes de quaisquer projetos de urbanização.

Atrilado a este processo de metropolização da região que circunscrevera a cidade do Rio de Janeiro, há que se considerar a redemocratização do país em 1946, uma vez que o *pluripartidarismo* (DELGADO, 2003) representado nas siglas Partido Social Democrático (PSD), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e União Democrática Nacional (UDN), competiram assiduamente pelo apoderamento deste crescente eleitorado da Baixada Fluminense.

Com as emancipações dos distritos de Duque de Caxias (1943), Nilópolis (1947) e São João de Meriti (1947), acirraram-se as disputas entre figuras da política fluminense como Getúlio de Moura pelo PSD e Tenório Cavalcanti pela UDN. O perfil dos eleitores e a instalação de novas indústrias nos municípios recém emancipados vislumbraram oportunidades para que estas lideranças fluminenses ascendessem aos altos postos da hierarquia política.

O discurso político precisava estar atrelado às novas problemáticas do período, ou seja, vinculadas às questões do trabalho, ao comércio e principalmente ao setor industrial. A consolidação da indústria de base a partir do governo de Getúlio Vargas foi ampliada pelas melhorias de infraestrutura da gestão de Eurico Gaspar Dutra. Nas décadas seguintes, a abertura ao capital estrangeiro instaurada por Juscelino Kubistchek fez com que grupos empresariais como a Bayer do Brasil Indústrias Químicas S.A (1958) (CARVALHO, 2015) e Companhia de Canetas Compactor (1954)

(MENDONÇA, 2017) fossem instaladas na região da Baixada Fluminense. Incentivos fiscais, oferta de mão de obra e proximidade da cidade do Rio de Janeiro facilitaram a ampliação do setor industrial e comerciário da cidade.

Dadas estas mudanças, compreender as motivações para fundação de uma Arcádia durante os anos 1950, sugere objetivos mais complexos que somente “cultuar as letras e a artes”. *A tradição inventada* (HOBSBAWN, 1984, p. 9) a partir de representantes e instituições atrelados ao recente passado citricultor, se viu ameaçada pela presença de outras vozes, uma vez que a lavoura, fonte de toda prosperidade, foi destituída do posto de única possibilidade viável para manutenção do progresso nesta região.

Frutos de uma geração ruralista, coube aos árcades “resguardar os valores” produzidos por este estrato social que tornou a memória sobre si a história do município. A partir desta reflexão, o perfil destes intelectuais será identificado para que se estabeleça a relação entre as suas trajetórias e os usos dado ao passado por meio de publicações na imprensa.

“Iguaçuanos de valor”: o perfil dos membros da AIL

A Arcádia constitui um exemplo de amizade entre iguaçuanos que aqui vivem, e se projeta como os mais diversos traços de afinidade desinteressada, pronta, cívica, altaneira, limpa e quadriloquente em benefício deste grande município cujo a história alicerça e compõe a própria História do Brasil! (MACHADO, 1957, p.10 e 11)

O grupo articulado a partir da citricultura consolidou-se enquanto classe dominante nas três primeiras décadas do século XX. A preponderância do projeto ruralista contou com a atuação de intelectuais como Silvino de Azeredo, fundador do jornal *Correio da Lavoura*, e de sua rede de colaboradores e assinantes. A imprensa difundiu os elementos capazes de atrelar a história iguaçuana aos senhores da terra.

Nos anos 1950, a geração arcadiana deu prosseguimento a este discurso não para consolidá-lo, mas reitera-o assim como as figuras, símbolos e representações atreladas a ele - a citricultura e a propriedade da terra. Por isso, Alcindo Rafael, Altair Pimenta de Moraes, Cial Brito, Francisco Manoel Brandão, Getúlio Barbosa de Moura, Heitor Pinto da Silva, Ibicuí Tinoco de Magalhães, José Jambo da Costa, João Barbosa Ribeiro, Leopoldo Machado Barbosa, Luiz Martins de Azeredo, Newton Gonçalves de Barros, Raul de Figueiredo Meireles, Ruy Afrânio Peixoto, Waldemiro de Faria Pereira e Zilmar de Paula Barros, compuseram o grupo que “promoveria o amor” às letras iguaçuanas.

Quando enumeramos as características

dos confrades, constata-se mais semelhanças que divergências. Os membros fundadores listados pertenceram as mais diversas instituições locais como o Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IHGNI), Teatro Experimental Itália Fausta (TEIF), Rotary Clube, Sport Clube Iguaçu, Centro Espírita Esperança, Fé e Caridade e etc. Advogados, médicos, professores ou jornalistas, todos os árcades exerceram profissões liberais, e contribuíram com diferentes colunas e matérias no jornal *Correio da Lavoura*. Em alguns casos, atuaram em atividades de caráter político e importantes cargos públicos municipais e estaduais.

Durante a investigação, localizamos as datas de nascimento de oito dos dezesseis árcades fundadores. Averiguou-se que eles nasceram nas duas primeiras décadas do século XX, ou seja, quando a laranja estava em seu auge, o árcade mais novo tinha 11 anos de idade e o mais velho 27 anos. Percebe-se que eles viveram momentos distintos, por isso obtiveram perspectivas diferentes sobre a citricultura. Todavia, este dado confirma a eficácia do enredo citricultor, uma vez que as referências dos membros valorizavam, em alguma medida, a laranja.

Pertenceram a famílias “tradicionais” da cidade ou estavam ligados indiretamente a elas. O importante “não seria a origem geográfica do indivíduo, mas as ligações que imprimiam ao grupo analisado certa homogeneidade de projeções e perspectivas intelectuais”, ou seja, mais do que ser “bem-nascido” ou “iguaçuano nato”, um membro da AIL deveria compor espaços que difundissem uma certa cultura de classe.

O momento exigiu ação destes intelectuais uma vez que pertencem a “[...] classe econômica e politicamente dominante, são eles que elaboram a ideologia”. (GRAMSCI, 1982, p.80) Os intelectuais, diz Gramsci – são os “persuasores” da classe dominante, são os “funcionários” da hegemonia da classe dominante. Estes intelectuais foram responsáveis por conferirem consciência ao campo da classe economicamente dominante, a que pertenciam.

Os árcades, enquanto intelectuais tradicionais, cumpriram seu papel no momento de reestruturação do município e manutenção da organicidade das estruturas sociais. Nas palavras de Luciano Gruppi “quanto melhor forem assimilados os intelectuais tradicionais, tanto mais facilmente a classe dominante conseguirá expressar os seus próprios intelectuais orgânicos” (GRUPPI, 1978, p.1).

Tanto os intelectuais orgânicos quanto os tradicionais, remetem-se a indivíduos capazes de desempenhar a intelectualidade em sua sociedade. Referir-se ao intelectual ou não intelectual é somente, portanto, fazer menção a uma imediata função social da categoria profissional de intelectual. Não existe uma atividade humana incapaz de excluir o intelectual, pois todo trabalho desempenhado fisicamente exige uma

qualificação técnica, ou seja, o mínimo de atividade intelectual criadora.

Portanto, os árcades fizeram a interlocução entre essas esferas quando reuniu distintos blocos políticos, isto é, desempenhou a função política capaz de consolidar a preeminência de seu estrato social. Ao darem homogeneidade e consciência de sua função, os intelectuais construíram um consenso sobre os grupos subalternos, assegurando deste modo sua hegemonia e a do grupo ao qual pertenciam. Entende-se aqui por hegemonia a combinação entre a consonância e a força, sem que a última opere excessivamente em relação à primeira. Este consenso seria resultado de uma maioria expressa na opinião pública.

Entretanto, este trabalho de convencimento se dá por uma liderança cultural e político-ideológico pertencente a classe ou grupo dominante. Para o alcance da hegemonia é necessário, além de bases econômicas, o embate de valores e princípios entre os indivíduos da ação política. Neste sentido, os árcades imprimiram sua leitura, leia sua classe, sobre o passado e sua relação com as perspectivas do futuro iguaçuano ainda duvidoso.

A imprensa à serviço da literatura iguaçuana

Depois de sua instalação, seguida das inúmeras sessões que tratarão do panegírico dos maiores vultos locais, é que se terá a prova dos ideais e dos nobres motivos que inspiram o jornal na campanha em favor de sua criação. E não se compreenderia de outro modo. Jornalismo e literatura são irmãos siameses, mesmas raízes e estrutura. Sempre viveram um do outro de mãos dadas, de maneira duradoura, harmoniosa e feliz de mãos dadas, de maneira duradoura, harmoniosa e feliz. Separá-los é impossível. [Grifomeu] (MACHADO, 1955, p.1)

A circulação de matérias e notas⁶ no *Correio da Lavoura* se mostrou eficiente na medida em que semanário tornou-se o porta voz oficial desse grupo liderado por proprietários de terra e representantes da administração local. Usufruir do principal meio de comunicação da cidade, reiterou a credibilidade do grupo em promover as memórias de seus membros.

Portanto, o *Correio da Lavoura* foi um agrupamento de caráter homogêneo, fruto de um nível social que se propôs a “construir um edifício cultural completo com princípios “racionais”, isto é, funcionais, na medida em que se têm determinadas premissas e se pretende atingir determinadas consequências” (GRAMSCI, 2014, p.162).

O desempenho do jornalista Luiz Azeredo⁷ era fundamental, uma vez que a atividade jornalística tendeu a gerenciar as mobilizações de caráter intelectual em que estes indivíduos estivessem inseridos. Nesta perspectiva o jornal *Correio da Lavoura* seria improdutivo se não fosse uma força editorial formada por membros deste

grupo ruralista e outros espaços associativos da cidade, como a AIL, por exemplo.

Atrelar o desenvolvimento de iniciativas como a AIL ao principal veículo de comunicação da cidade se deu, segundo Deoclécio Machado, “na história das nações, não há movimento social de alguma importância sem a participação verdadeira das letras e da imprensa. [...]” (CORREIO DA LAVOURA, 1955, ed. 1991, p.1) Nessa ocasião, a Arcádia e o jornal apresentar-se-ão ainda mais estreitados, por haverem nascido sob o mesmo signo.

Tendo a imprensa como palco destas contradições sociais e disputas pelo lugar de fala, os árcades articularam, junto a sociedade civil, as aspirações de uma classe dominante, ou seja, um movimento literário como Arcádia rapidamente reagiu para manutenção de um saber hegemonicamente constituído, acerca do *passado-futuro*. (KOSELLECK, 2006) Portanto, estes intelectuais foram responsáveis por construir e reconstruírem permanentemente o passado, uma vez que essa:

operação mantém íntimas conexões com o processo, também permanente, de formulação de identidades nacionais e de montagem de um aparelho de Estado, torna-se fundamental investigar o que especificamente os homens consideram seu passado e que lugar lhe é destinado por uma sociedade em determinado momento (GOMES, 1996, p.157)

Em *A Dança das Cadeiras* (2001), João Paulo Rodrigues afirma que a Academia Brasileira de Letras (ABL) promoveu um discurso de neutralidade entre literatura e política. Contudo este suposto “distanciamento” do mundo letrado foi politicamente ambíguo, pois enquanto “os literatos afirmavam [...] os propósitos despolitizantes, de cordialidade e eminentemente literários, [...] reafirmavam, nas entrelinhas, [...] a dificuldade de dissociação entre os dois mundos.” (RODRIGUES, 2001, p. 78)

Conclusão

Estabelecer fronteiras que delimitam o campo literário do meio político se efetivou enquanto prática discursiva, uma vez que outros cenáculos e institutos históricos se posicionaram a favor de uma literatura que não se rendesse às demandas políticas. Contudo, o caso ilustra como os membros destas instituições promoveram uma narrativa em que se enalteceu uma memória de glória aos homens da terra de uma região agora industrial. A AIL, formada por uma classe detentora da hegemonia econômica, política e cultural da cidade não se manteve na condição de neutralidade e respondeu às transformações em curso na cidade.

Portanto, frutos de seu tempo, os membros da AIL foram arrebatados pelas demandas impostas à sua classe. A partir de seus espaços de atuação estes

intelectuais interviram na escrita da história local. A tênue decisão entre o isolamento e a ação política foi superada pelos árcades uma vez que, a manutenção dos privilégios e respaldo político estavam em jogo.

As tensões ocasionadas pelo retalhamento do território iguaçuano, suas emancipações e acirramentos eleitorais foram camufladas pelas publicações da AIL, especialmente, no *Correio da Lavoura*. As permanências e descontinuidades vivenciadas pelos “filhos da prosperidade” foram contornadas, em certa medida, por intervenções junto à memória coletiva que permanecem até os dias de hoje.

Fontes

Correio da Lavoura, 15 de maio de 1955, ed. 1991, p.1.

Correio da Lavoura, 29 de maio de 1955, ed. 1993, p.1.

Correio da Lavoura, 05 de junho de 1955, ed. 1994, p.1

Correio da Lavoura, 17 de julho de 1955, ed. 2000, p.1.

Estatutos da Arcádia Iguazuana de Letras, Capítulo I, Organizações e Fins, 1955.

Referências

CARVALHO, Maicon Sérgio Mota. *A greve da Bayer Belford Roxo: Ascensão e crise de uma indústria multinacional na Baixada fluminense (1958- 1989)*, Dissertação (Mestrado em História) – UFRRJ. Rio de Janeiro: 2015.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. “Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 3, p.129-154.

GOMES, Angela Maria de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, V.2. Os intelectuais, o princípio educativo – jornalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GRUPPI, Luciano. *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro-Passado Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed PUC - Rio, 2006.

MACHADO, Deoclécio Dias Filho. *Nova Iguaçu, Terra de Gente Ilustre*, Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1957.

MENDONÇA, Carolina Bittencourt. “*Família Compactor*”: *A trajetória da Cia. de Canetas Compactor e a relação com os trabalhadores no processo de industrialização de Nova Iguaçu nos anos 1950, 1960 e 1970*. Dissertação (Mestrado em História) – UFRRJ. Rio de Janeiro: 2017.

MENDONÇA, Sonia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: Literatura e Política na Academia Brasileira de letras (1896-1913)*. São Paulo: Cecult, 2001.

SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu

Nacional. Rio de Janeiro: 1992.

Notas

1. Fundado por Silvino Azeredo em 22 de março de 1917, o semanário é o veículo de comunicação mais antigo ainda em circulação no município de Nova Iguaçu. O periódico se manteve em atividade durante o século XX sob a direção de seus filhos, Avelino Azeredo e Luiz Azeredo, sendo este último um dos membros fundadores da Arcádia Iguaçuana de Letras.
2. Foi advogado e exerceu o cargo de promotor público.
3. Formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina e tomou posse da cadeira de número 2 em 12 de maio de 1957, sob o patronato do também médico iguaçuano Elói dos Santos Andrade.
4. Nascido em Itaguai em 10 de junho de 1920, Getúlio de Moura foi árcaide e aliado eleitoral de Getúlio Vargas em Nova Iguaçu. Foi vereador, presidente da câmara, prefeito, candidato a governador e ministro de Estado. Enquanto deputado estadual, Getúlio de Moura usou de sua influência política para que a AIL funcionasse na sede do fórum municipal.
5. A mudança do centro administrativo do município, da antiga Vila de Iguassú para as margens da ferrovia, no povoado de Maxambomba, foi oficializado em 1891. Com o novo centro administrativo, Maxambomba tornou-se em 1916, Nova Iguassú. Posteriormente, na década de 1920 a escrita é modificada para Nova Iguaçu.
6. As *notas arcadianas* veicularam informações sobre a fundação, posse dos membros da AIL, publicação de livros e promoção de eventos desenvolvidos pelo grupo.
7. Filho de Avelina Martins de Azeredo e do capitão Silvino Hypólito de Azeredo, dirigiu o semanário *Correio da Lavoura* juntamente com seu irmão, Avelino Azeredo, após o falecimento de seu pai e fundador. Presidiu a Arcádia entre os anos de 1959 e 1962 e ocupou a cadeira de número 5 da mesma instituição, sob o patronato de seu pai.